

# REVISTAS CIENTÍFICAS

## qualidade e quantidade

Desde o início da publicação dos chamados “jornais literários” no Brasil, inícios do século XIX (FREITAS, 2006), a mais expressiva modificação no meio editorial científico foi o uso das tecnologias de informática. De fato, a facilitação do processo editorial e a possibilidade de ampla divulgação da produção científica com uso de computadores e da internet revolucionaram a área da divulgação científica (CASTEDO, 2007). Com essas facilidades, tornou-se mais fácil e atrativa a criação de uma revista científica. Assim é que, nos últimos anos, verifica-se um expressivo número de novos periódicos científicos, principalmente por parte de programas de pós-graduação. Cada um deles sente a necessidade de ter sua própria voz para disseminar sua produção o que, em parte, é estimulado pela Capes. Fora desses programas, os departamentos e centros de Universidades também almejam seu próprio meio de divulgação de trabalhos produzidos internamente. Com isso, a lista de publicações aumenta consideravelmente. Em termos mundiais, esse número passou de 200 para 100 mil nos últimos 100 anos e, no Brasil, mantendo-se as proporções, o fenômeno deve ser similar. Nesse contexto, por um lado, há que se considerar a necessidade da produtividade acadêmica, levando o artigo à condição de mercadoria que permite a afirmação do pesquisador em seu ambiente de atuação (CASTIEL; SANZ-VALERO, 2007) e, por outro, a produtividade circunscrita exclusivamente ao seu papel de gerar conhecimento em benefício à comunidade. Por uma ou outra razão, o veículo de veiculação dessas necessidades é o periódico científico. Entretanto, o surgimento de novos períodos apresenta diferentes visões – tanto um fortalecimento à ciência ou um desserviço a ela.

Inicialmente, parece que a primeira visão se afirma. Mas, no momento em que novas regras de classificação do Qualis por parte da Capes são apresentadas (ANDRIOLO et al., 2009; ROCHA E SILVA, 2009), parece que forças trabalham contra a manutenção de uma grande lista de periódicos nacionais. Aqueles que argumentam contra um número considerado excessivo de periódicos baseiam-se, entre outras razões, no fato de ocorrer uma dispersão de artigos entre um maior número de títulos que competem entre si. Com menos periódicos disponíveis, a seleção, mantidos os mesmos critérios, seria mais eficiente. Outros afirmam que a qualidade dos

artigos, em uma visão geral, não requer a mesma quantidade de periódicos disponíveis para sua divulgação. Assim querem alguns dizer que, em determinadas áreas, a produção de conhecimento se faz de forma não satisfatória que merecesse divulgação em revistas científicas ou, de outra forma, que muito do que se publica hoje em dia não merece divulgação. Entretanto, não se pode perder a perspectiva de que o mundo da ciência também se ampliou quantitativamente nas últimas décadas, com mais pesquisadores atuando nas diferentes grandes áreas e necessitando expor sua produção, seja por qualquer de um dos dois motivos antes apontados (CAPES, 2006). Atrás desse aumento há tanto pesquisadores excepcionais como normais. De ambos se pode esperar contribuições de valor. Dessa forma, é um equívoco perigoso a visão de membros de agências reguladoras de pesquisa de instituírem, insidiosamente, sistemas de controle restritivos e sufocantes aos periódicos científicos. Não cabe às agências esse papel, o escrutínio dos periódicos faz tanto os autores como os leitores.

*Marcos da Cunha Lopes Virmond*  
*editor*

## REFERÊNCIAS

- ANDRIOLO, A. et al. Classificação dos periódicos no Sistema QUALIS da CAPES – a mudança dos critérios é URGENTE! *Hanseníase Internacional*, v. 34, n. 2, p. 5-8, 2009.
- CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [homepage]. Brasília: Capes, 2006. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>>.
- CASTEDO, R. S. Periódicos científicos on-line: novas interfaces, novos usos, novas práticas. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em: <[http://www6.ufrgs.br/lead/producao\\_pesquisa/R1485-1.pdf](http://www6.ufrgs.br/lead/producao_pesquisa/R1485-1.pdf)>.
- CASTIEL, L. D.; SANZ-VALERO, J. Entre fetichismo e sobrevivência: O artigo científico é uma mercadoria acadêmica. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 12, p. 3041-3050, dez. 2007.
- FREITAS, M. H. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. *Ciência da Informação*, v. 35, n. 3, 2006.

ROCHA E SILVA, M. O novo Qualis e o futuro dos periódicos científicos brasileiros *Scientia Medica*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 96-97, jul./set. 2009.

SOUZA, E. P. S. Publicação de revistas científicas na Internet. *Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular*, v. 21, n. 1, p. 24-28, 2006. Disponível em: <[http://rbccv.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=514](http://rbccv.org.br/detalhe_artigo.asp?id=514)>.